

NÃO EXISTEM PREFIXOS RELACIONAIS NAS LÍNGUAS JÊ

Andrés Pablo Salanova (Universidade de Ottawa)

RESUMO

O propósito deste trabalho é descrever a expressão da terceira pessoa em algumas línguas da família Jê. Propomos uma análise, que supomos válida na diacronia, que permite unificar uma série de fatos à primeira vista não relacionados, que ocorrem em várias línguas da família. Nossa análise propõe-se como uma alternativa à análise mais difundida de alguns dos mesmos dados, baseada na noção de *prefixos relacionais* (Rodrigues 1990, Ferreira 1995, Cabral and Costa 2004). Como veremos abaixo, há motivos tanto empíricos quanto conceituais para abandonar esta categoria de análise no estudo das línguas Jê. Este trabalho é uma versão resumida de Salanova (2004).

1 INTRODUÇÃO

Uma série de trabalhos sobre línguas amazônicas ressaltam o alto grau de integração morfológica entre um predicado e o seu primeiro argumento (i.e., o objeto de verbos transitivos, o único argumento de verbos intransitivos, etc.), com frequência encontrado nestas línguas. Um dos aspectos mais evidentes desta integração morfológica é a ocorrência de uma série de modificações ao radical do predicado segundo este seja ou não contíguo ao seu primeiro argumento.

Em princípio, os seguintes fenômenos poderiam ser considerados parte desta classe:

- (1)
- a. Mëbengokre
 - a. kukoꝝ jamu ‘rabo de macaco’
 - b. amu ‘rabo dele’
 - b. Timbira (Alves 1999)
 - a. tɔ ‘o olho dele’
 - b. rɔpti ntɔ ‘o olho da onça’
 - c. Panará (Dourado 1993)
 - a. jowpũ ũpa ‘fígado da onça’
 - b. wɔɔ ũpa ‘fígado do papagaio’
 - c. ĩpa ‘seu fígado’
 - d. Mëbengokre Xikrin
 - a. kɔ kdʒo ‘arrancou a pele’
 - b. kudʒo ‘arrancou-o’

Em todos estes casos, há um radical que sofre uma modificação morfofonológica quando ele é precedido imediatamente por um argumento. A priori, estas modificações podem ser analisadas de diversas maneiras. Por motivos de espaço, vamos circunscrever nossa discussão ao caso mais simples.

2 DESCRIÇÃO DOS FATOS ESSENCIAIS

Pelo critério das formas diferentes que tomam os radicais dos predicados segundo a contiguidade ou não de seu primeiro argumento, em Mëbengokre precisamos separar as seguintes classes principais:

(2)	Forma	/jamak/ 'orelha'	/puuma/ 'temor'	/ʔo/ 'pêlo'	/kra/ 'filho'
a.	“isolada”	amak	uma	ʔo	kra
b.	com argumento nominal	jamak	puuma	ʔo	kra
c.	com argumento pronominal	jamak	puuma	jo	kra

Como pode ser visto na tabela acima, há radicais invariáveis (/kra/), radicais que alternam entre uma forma com /pu-/ inicial e outra com /u-/ inicial, e outros que alternam entre uma forma com /j-/ inicial e outra sem. Esta última classe inclui também radicais em que o segmento que cai é /dʒ-/ , e outros em que é /ɲ-/ , enquanto que a classe das palavras iniciadas em /pu-/ sofre certas outras irregularidades. Voltaremos a ambos casos mais abaixo.

A distinção entre os ambientes (b) e (c), apesar de aparentemente motivada pelo comportamento de palavras tais como /ʔo/, pode ser explicada da maneira seguinte: os prefixos pronominais /i-/ (primeira pessoa), /a-/ (segunda pessoa), /ba-/ (primeira pessoa inclusiva) devem ser representados subjacentemente como /ij-/ , /aj-/ , /baj-/ . A consoante final destes morfemas é elidida se o radical que segue começa por qualquer consoante salvo /ʔ/. O /j/ permanece se o radical começa por /ʔ/ ou vogal. Há evidências comparativas para esta análise: em Apinayé, a consoante final dos prefixos pronominais (que nesta língua é uma oclusiva palatal) permanece em todos os contextos.

Os contextos que determinam o contraste entre a forma “isolada” e a forma “composta” de um radical, portanto, são a ausência ou presença do argumento mais próximo, seja este um prefixo pronominal ou um sintagma nominal, na posição imediatamente à esquerda do radical.

3 ONDE ESTÁ O MORFEMA?

Se as formas “isoladas” e “compostas” diferem na sua estrutura morfológica, há pelo menos três caminhos possíveis a seguir: (a) uma análise em que ambas as formas, as “isoladas” e as “compostas”, são morfológicamente complexas; (b) uma em que a forma “isolada” é morfológicamente complexa, enquanto que a “composta” é simplesmente o radical, e finalmente (c) uma análise em que a forma “composta” é morfológicamente complexa, e a “isolada” é morfológicamente simples. Sintetizamos isto no quadro seguinte, com a palavra Panará /sakoa/ ∝ /jako/ ‘boca’:

(3)	<i>composta</i>	<i>isolada</i>
(a)	j+akoa	s+akoa
(b)	jako	s+jako → sakoa
(c)	j+sako → jako	sako

Há alguma forma de escolher entre todas estas possibilidades? A análise adotada para a maioria das línguas Jê (cf., e.g., Dourado 1993, Ferreira 1995, Cabral and Costa 2004, entre outros) está inspirada em Rodrigues (1990) (cf. tb. Rodrigues 1999), e pode ser caracterizada como (a) ou (c), segundo a língua. O morfema extra presente na forma

composta, um *prefixo relacional*, na definição de Rodrigues (1990), “marca contigüidade entre um verbo e seu complemento, um nome e seu possuidor, uma preposição e seu complemento, etc.” Porém, há alguns argumentos claros em favor de analisar as línguas Jê nas línguas de (b), isto é, derivando a forma isolada de um radical que consiste essencialmente da forma composta. Expomos os principais argumentos a seguir. Os dados que seguem nesta seção do trabalho provêm exclusivamente do Mëbengokre.

3.1 AS FORMAS ISOLADAS DERIVAM DAS FORMAS COMPOSTAS

Como pode ser observado nos dados seguintes, a consoante que aparece no início da forma composta não pode ser deduzida a partir da forma isolada, mas sim vice-versa:

(4)	<i>composta</i>	<i>isolada</i>	
a.	dʒa	a	‘folhas da mandioca’
b.	jaka	aka	‘branco’
c.	amɣ	amɣ	‘abraçar’
d.	dʒir	ir	‘por’
e.	ɲirej	irej	‘dividir’
f.	dʒumar	umar	‘escutar’
g.	puuma	uma	‘temer’

3.2 OS LIGADORES APARECEM APÓS PREFIXOS DERIVACIONAIS

Há vários casos em que morfemas derivacionais, tais como o anticausativo /bi-/ e os antipassivos /dʒʌ-/ e /dʒu-/, aparecem prefixados ao radical. Nestes casos, o radical aparece em sua forma “composta”, isto é, com a consoante de ligação. Os dados seguintes exemplificam isto (é possível aqui observar um par de processos morfofonológicos, de fortificação de /j/ e síncope de /uu/, que não deveriam nos distrair do ponto principal):

(5)	<i>Formação de verbos intransitivos</i>			
a.	/bi/ + /kamẽɲ/	‘empurrar’	→	/bikamẽɲ/ ‘se arrastar’
b.	/bi/ + /jadʒwɣɾ/	‘botar’	→	/bitjadʒwɣɾ/ ‘descer’
c.	/bi/ + /jaer/	‘assustar’	→	/bitjaer/ ‘fazer brincadeiras’
d.	/bi/ + /jabjer/	‘procurar’	→	/bitjabjer/ ‘se entrecruzar’
e.	/dʒʌ/ + /puutʌɾ/	‘proteger’	→	/dʒʌptʌɾ/ ‘impedir o acesso’

A presença destas consoantes aqui é um problema em potencial para a visão em que elas são uma flexão indicadora da contigüidade do primeiro argumento, mas é a situação esperada se as consoantes fazem parte do radical do predicado.

3.3 AS LIGADORES APARECEM EM RADICAIS NÃO FLEXIONADOS

Há alguns casos de palavras que têm variantes flexionáveis e não flexionáveis. Nestas, a consoante inicial funciona como indicador de contigüidade na forma flexionável, mas na forma não flexionável, no lugar de estar ausente (pois não há um complemento com o qual marcar a contigüidade), ela é fixa. Estes casos caem em três grupos: substantivos que variam entre posse alienável e inalienável, nomes próprios formados com substantivos inalienáveis, e verbos intransitivos que tomam duas formas, uma flexionável e outra não. Exemplificamos a seguir.

- (6) a. (iɲõ) dʒudʒe ‘(meu) arco (possuido de forma alienável, ou não possuido)’
 b. udʒe ‘a arma dele (possuido de forma inalienável)’
 c. idʒudʒe ‘minha arma’
- (7) a. ɲĩakɾe kam pĩ ‘pau no nariz (ɲĩakɾe)’
 b. ɲõ mruɾe ‘dono de (ɲõ) animais’
 c. jamu biɲɾĩɲi ‘rabo (jamu) enrolado’
 d. dʒe tirɛ ‘grande adorno (dʒe)’
- (8) a. ɲũ ‘sentar (forma finita; todas as pessoas)’
 b. iɲũɾ ‘eu sento (forma não finita)’
 c. ũɾ ‘ele senta (forma não finita)’
- (9) a. dʒa ‘estar em pé (forma finita)’
 b. idʒam ‘estou em pé (forma não finita)’
 c. am ‘ele está em pé (forma não finita)’

Dados como estes representam um problema para análises em que a consoante em questão é um morfema de ligação inserido, já que o contexto para inserção da consoante não existe em casos como (8a) e (9a), (6a), etc. No entanto, estes dados recebem uma explicação natural com uma análise em que as consoantes em questão são parte do radical, e são apagadas quando há flexão.

Com isto, acreditamos ter mostrado que um morfema adicional está presente na forma “isolada” do predicado, enquanto que a forma “composta” consiste do radical sem prefixo nenhum. O morfema adicional presente na forma isolada não é outra coisa senão o prefixo de terceira pessoa. Por motivos de espaço não apresentamos os argumentos que sustentam esta identificação.

4 O QUE É O MORFEMA

Nas seções precedentes, estabelecemos que, nas alternâncias apresentadas no início do trabalho, o morfema desencadeador está presente na forma isolada, e afirmamos que este morfema deve ser considerado uma marca de terceira pessoa. Até agora, não dissemos qual é a substância fonológica deste morfema.

O ponto de partida para a análise do prefixo de terceira pessoa é a observação dos fatos da flexão de pessoa em Panará e Xokleng:

- (10) *Panará (Dourado, 2001)*
 a. jakoa ‘boca’ (sem flexão)
 b. sakoa ‘boca dele’
- (11) *Xokleng (Henry, 1948)*
 a. jo ‘na frente de’ (sem flexão)
 b. ðo ‘na frente dele/a’

Na nossa análise, a alternância resulta da prefixação do morfema de terceira pessoa /s-/, cujo reflexo em Xokleng é /ð-/). Como se obtém o padrão visto acima?

As alternâncias /s/ ~ /j/ e /ð/ ~ /j/ são fáceis de explicar se tomarmos em conta certos fatos sobre a fonologia das línguas Jê: em todas as línguas da família, existe uma proibição sobre seqüências de segmentos com articuladores idênticos em ataque de sílaba. Portanto, em Mëbengokre, apesar de que seqüências de até três consoantes são permitidas em ataque, seqüências tais como *tr, *pw, *nj, *dʒr, etc. não ocorrem.

No caso do Panará e Xokleng, um ataque que consiste de dois segmentos coronais seria formado pela prefixação de /s-/ ou /ð-/ ‘terceira pessoa’ a uma palavra iniciada em /j-/, e a reparação consiste em apagar o segundo destes segmentos. Mas se o que temos é uma simples prefixação de /s-/ ou /ð-/, porque não vemos estas consoantes diante de outros radicais? Para começar a entender a alomorfia dos prefixos de terceira pessoa, nos remetemos ao Timbira.

4.1 TIMBIRA

Em Timbira, segundo a descrição de Popjes and Popjes (1986), existem os prefixos de terceira pessoa /ih-/ e /in-/. Estes marcadores são opcionais (isto é, segundo os autores citados, a terceira pessoa pode também ser zero), mas, interessante, eles não aparecem nunca diante de certos radicais:

- (12) a. ihkra ~ kra filho dele
 b. into ~ to olho dele
- (13) a. hΛr assá-lo (← /tʃΛr/)
 b. * ihtʃΛr, ihhΛr

O que propomos para o Timbira é que o prefixo de terceira pessoa é sempre /h-/. /h/ é o som que corresponde em Timbira ao /s/ do Panará, segundo Ribeiro (2006). Os padrões mais complexos que se observam na superfície são o resultado de processos fonológicos que têm uma motivação completamente independente.

Por motivos de espaço, não podemos oferecer nossa análise do alomorfe /in-/. Porém damos uma breve exposição de nossa explicação para a alomorfia /ih-/ ∝ /h-/ ∝ zero: (1) o /h-/ é prefixado; (2) se ele pode formar uma sílaba com o segmento à direita (digamos uma vogal), isto ocorre; (3) se a silabificação à direita não é possível, há uma epêntese de /i/ para poder pronunciar o /h/; (4) porém esta epêntese não é obrigatória; se ela não aplica, o /h/ cai.

Isto dá conta parcialmente dos fatos em (12) et (13), mas não explica porque o /tʃ-/ inicial cai em (13a). Passamos a isso nas próximas seções.

4.2 DE VOLTA AO MÊBENGOKRE

Os reflexos da flexão de terceira pessoa em Mëbengokre podem ser observados nos seguintes paradigmas parciais:

- | | | | | |
|------|------------------|-------------------|----------------|------------|
| (14) | <i>1ª pessoa</i> | <i>3ª perssoa</i> | <i>radical</i> | |
| | ijamak | amak | jamak | ‘ouvido’ |
| | idʒur | ur | dʒur | ‘pus’ |
| | ipikra | ikra | ɣikra | ‘mão’ |
| | iputΛ | utΛ | putΛ | ‘proteger’ |

A nossa proposta, mantendo-nos próximos do que estabelecemos para o Panará, o Xokleng, e especialmente o Timbira, é que o truncamento inicial que ocorre em certos radicais em Mëbengokre segue da prefixação de um prefixo fonologicamente abstrato, que por ora representaremos por /H-/:

(15)		/H + jɔkwa/	/H + krã/
	Prefixação	Hjɔkwa	Hkrã
	Reparação de ataques	Hɔkwa	krã
	Forma superficial	[ɔkwa]	[krã]

Em contraste com o que acontece em Timbira e em Panará, parece não haver em Mëbengokre qualquer reflexo fonético deste /H-/. Certamente, em Mëbengokre não há epêntese vocálica, como a descrita para o Timbira. Por isto o Mëbengokre carece completamente de alomorfes iniciados em /i-/ para a terceira pessoa, presentes em muitas outras línguas da família.

De fato, as palavras “iniciadas por vogal” em Mëbengokre podem ser pronunciadas com um [h] ou [fi] inicial na fala cuidadosa, e há algumas evidências de que este segmento faria parte do sistema consonantal da língua. Exploremos portanto a possibilidade de que o prefixo de terceira pessoa em Mëbengokre é simplesmente /h-/, e a queda de /j/ inicial se explica pelas restrições sobre os tipos de ataque silábico que são permitidos na língua.

A restrição, porém, tem que ser de outra natureza à invocada para o Panará e o Xokleng: aqui não se trata de proibir uma seqüência de segmentos pronunciados com um mesmo articulador, senão de proibir seqüências de /h/ e semivogal, resultando no apagamento da segunda. Isto, longe de ser um recurso ad hoc, é consistente com os fatos da língua (e de línguas aparentadas), em que os segmentos glotais (/ʔ/ e /h/) não aparecem em ataques complexos. Se assim for, esperaríamos algum tipo de interação entre o prefixo /h-/ e os radicais iniciados em /w/. De fato, tal proposição abre uma janela interessante sobre a morfofonologia dos radicais iniciados em /puw-/.

4.3 FORTALECIMENTO DE /w/

Em Mëbengokre, a semivogal /w/ nunca se encontra diante de vogais posteriores, i.e., precisamente aquelas diante das quais temos o processo morfofonológico de truncamento de /p/. Propomos que, nestes casos, o [p] é subjacentemente um /w/, que é fortalecido em [p] em início de palavra. Se assim for, e se /p/ é ainda assim um segmento possível nesta posição, esperaríamos que houvesse palavras iniciadas em /p/ que não sofrem esta alternância morfofonológica. Este é o caso de /punu/ ‘ruim’:

(16)		/h + wuuma/	/wuuma/	/h + punu/
	Prefixação	hwuuma	—	hpunu
	Fortição	—	puuma	—
	Fusão de /wV/	huma	—	—
	Outras reparações	—	—	punu
	Forma superficial	[uma]	[puuma]	[punu]

Com isto, unificamos os dois principais processos morfofonológicos que afetam radicais flexionáveis em Mëbengokre, i.e., o que afeta os radicais iniciados em /j-/, e aqueles iniciados em /p-/. Porém, como notamos acima, o truncamento afeta não só estes dois segmentos, senão também /dʒ/ e /j/. A queda destes segmentos não é explicada mediante a regra de reparação de ataques que propomos acima. Porém, assim como no caso do [p], que supomos derivado de /w/ por uma regra de fortalecimento, podemos explorar a idéia de que o /dʒ/ e o /j/ sejam também derivados de /j/ por uma regra do mesmo tipo. Novamente por motivos de espaço não apresentamos os nossos argumentos em detalhe, mas baste mencionar que E. Ribeiro (2006 e c.p. de 10/2007) observa que a distinção entre diversos tipos de consoantes palatais é uma inovação nas línguas Jê setentrionais. Portanto

uma análise em que o /dʒ/ é derivado por fortificação teria ao menos uma certa plausibilidade diacrônica.

Se assim for, teríamos o seguinte:

(17)		/h + jʌr/	/jʌr/	/h + jĩkra/	/jĩkra/
	Prefixação	hʌr	—	hjĩkra	—
	Reparação de ataque	hʌr	—	hĩkra	—
	Fortalecimento	—	dʒʌr	—	jĩkra
	Forma superficial	[ʌrʌ]	[dʒʌrʌ]	[ikra]	[jĩkra]

Este é o mesmo padrão que nos restava explicar em Timbira. Com isto damos por concluída a análise da morfofonologia dos prefixos de terceira pessoa.

Em síntese, o comportamento especial em início de radicais corresponde aos radicais iniciados (historicamente, ao menos) por semivogais, e somente a estes. Isto é, trata-se de uma classe natural de segmentos, que sofrem um mesmo processo fonológico de queda quando são parte de ataques complexos, ao receberem um prefixo que pode ser /h-/, em Timbira e Mëbengokre (dada nossa reanálise do sistema fonológico), /s-/, em Panará, ou /ð-/ em Xokleng.

5 CONCLUSÕES

Neste trabalho, mostramos o seguinte: (a) entre os vários processos que se dão na junção entre um predicado e seu primeiro argumento, pelo menos alguns são reflexos da concatenação de um prefixo de pessoa; (b) o prefixo aparece na forma “isolada” dos radicais, e não na forma “composta”, sendo portanto o oposto de um “prefixo relacional”, noção cuja aplicabilidade às línguas Jê rejeitamos; (c) o leque de processos morfofonológicos associados a este prefixo é reduzível a regras fonológicas que na maior parte dos casos são naturais, e que ocorrem em outros lugares da gramática das línguas em questão.

REFERÊNCIAS

- Alves, Flávia de Castro. 1999. Aspectos fonológicos do Apãnjekra (Jê). Tese de mestrado, Universidade de São Paulo.
- Cabral, Ana Suelly, and Lucivaldo Costa. 2004. Xikrín e línguas Tupi-Guarani: marcas relacionais. *LIAMES* 4:7–19.
- Dourado, Luciana. 1993. Fenômenos morfofonêmicos em Panará: uma proposta de análise. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 9:199–208.
- Dourado, Luciana. 2001. Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê). Tese de doutoramento, IEL/Unicamp, Campinas.
- Ferreira, Marília. 1995. Aspectos da morfossintaxe do sintagma nominal na língua Kayapó. Tese de mestrado, Universidade de Brasília.
- Henry, Jules. 1948. The Kaingang language. *International Journal of American Linguistics* 14:194–204.

- Popjes, Jack, and Jo Popjes. 1986. Canela-Krahô. Em *Handbook of Amazonian languages*, ed. D. C. Deryshire and G. Pullum, volume 1, 128–199. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Ribeiro, Eduardo Rivail. 2006. A reconstruction of Proto-Jê. Apresentado no 52 Congresso Internacional de Americanistas.
- Rodrigues, Aryon. 1990. Comments on Greenberg's *Language in the Americas* from a South American angle. University of Brasília ms.
- Rodrigues, Aryon. 1999. Macro-Jê. Em *Amazonian languages*, ed. R. M. W. Dixon and A. Aikhenvald. Cambridge University Press.
- Salanova, Andrés Pablo. 2004. Subtractive truncation in Mëbengokre. MIT ms.